# UM CONCURSO IGNORADO

José Aurélio Saraiva Câmara

Em 12 de abril de 1875 João Capistrano de Abreu deixava a terra natal e embarcava no vapor *Guará*, para o Rio de Janeiro, onde chegaria treze dias depois.

Como tivemos já a oportunidade de escrever, "trocava para sempre a terra que lhe dera o berço por aquela que lhe daria a glória". (1)

Poucos meses antes, em Maranguape, no solar do Cel. Joaquim Sombra, Capistrano conhecera José de Alencar, então realizando sua derradeira viagem ao Ceará. O encontro deu-se em 24 de agôsto de 1874.

Aquêle conhecimento parece ter sido decisivo para a mudança do jovem cearense para a Côrte. Alencar estimulou-no neste sentido e, logo tornado admirador dos seus predicados intelectuais, deu-lhe uma carta de apresentação para Joaquim Serra, jornalista dos mais prestigiosos da imprensa do Rio.

"Êsse môço, escrevia Alencar na sua missiva, que já é fácil e elegante escritor, aspira ao estágio da imprensa desta Côrte. Creio eu que, além de granjear nêle um prestante colaborador, teria o jornalismo fluminense a fortuna de franquear a um homem de futuro o caminho da glória, que lhe estão obstruindo uns acidentes mínimos". (2)

Na realidade, a mudança para o Rio era uma aspiração incontrolável de Capistrano. Êle já compreendera que o Ceará era pequeno demais para a sua ânsia de afirmação mental. "Homem volta-

---

(1) — José Aurélio Saraiva Câmara — *Capistrano de Abreu* — Tentativa Biobibliográfica — Livraria José Olímpio Editôra — Coleção Documentos Brasileiros, Rio, 1969, pág. 90.

(2) — José de Alencar — Carta a Joaquim Serra *in Obras Completas*, Edição Aguilar, Rio de Janeiro, Vol. 4, pág. 969.

do para as letras, havendo já demonstrado, sobejamente, à família, que delas nada o afastaria, já devera ter sentido e compreendido que na Côrte encontraria o ambiente largo e acolhedor de que necessitava o seu espírito. E cumprindo a predestinação da raça fêz-se ao mar, desgarrou da terra natal, que uma única vez voltaria a ver por poucos dias, nove anos depois." (3)

Os instrumentos para a batalha que iria travar no sul, pela conquista de um lugar ao sol, situavam-se todos no plano intelectual. Escrevia bem, dominava com segurança o francês e o inglês, demonstrara já, em artigos e conferências, amplos conhecimentos da literatura brasileira e portuguêsa, fizera já incursões vitoriosas no campo da Geografia e da História. Não se podia pedir mais a um môço de 21 anos, nascido e criado numa província pobre.

Afirmara-se, já, sobretudo como escritor, e essa era a sua mais ostensiva e reconhecida vocação.

Mário de Alencar, filho do grande romancista, mais tarde um dos seus mais íntimos amigos, assim deporia sôbre as credenciais de Capistrano naquela época:

"Do Ceará, quando veio para o Rio, segundo ouvi, por conselho de meu pai que lá o conheceu e logo se impressionou do seu talento, Capistrano veio já um espírito formado, independente, nutrido de muito saber que só esperava utilização. Qual seria o gênero de trabalho que o aplicasse, suponho que êle próprio não sabia então. Os acidentes e as circunstâncias de sua vida é que tinham de fixá-lo, como sucedeu efetivamente. Mas um fato era já então verificado: a sua vocação de escritor." (4)

No Rio não lhe foi fácil, nos primeiros meses, obter um emprêgo que lhe assegurasse a manutenção do nôvo meio. E o problema era de urgente solução visto como, do pai ausente e descrente das possibilidades do filho, nada podia esperar.

Tão logo chegou à Côrte, Capistrano procurou o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, o comerciante Paulino Nunes de Melo, João Antônio Capote, o senador Domingos Nogueira Jaguaribe e o cônego Antônio Nogueira de Braveza, que o batizara em Columinjuba, todos cearenses radicados no Rio e em presumíveis condições de ajudá-lo na conquista de um emprêgo. Em casa de Jaguaribe chegou mesmo a morar por algum tempo.

Joaquim Serra, a quem o apresentara Alencar, encaminhou-o a Machado de Assis com carta de apresentação de 11 de maio daquele ano.

É possível que por intermédio de Serra, de Machado ou do próprio José de Alencar é que tenha conseguido uma colocação, modesta

(3) — José Aurélio Saraiva Câmara, idem.

(4) — Mário de Alencar, artigo no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, edição de 25 de outubro de 1907.

embora, na Livraria Garnier, o primeiro emprêgo remunerado que conseguiu no Rio de Janeiro.

Era, então, seu trabalho organizar e enviar à imprensa local notas e informes resumidos sôbre os livros que aquela livraria ia editando.

O salário não deveria ser animador, mas a natureza do emprêgo aproximou-o da imprensa e deu-lhe acesso às publicações de uma das principais casas de livro da Côrte, freqüentada, aliás, pelas figuras mais representativas da intelectualidade brasileira daqueles dias.

Em 1876, conforme se depreende de sua própria correspondência, encontrava-se o futuro historiador lecionando francês e português no Colégio Aquino, conceituado estabelecimento de ensino, então localizado na Rua do Lavradio.

Naquela situação permaneceria até 1880, mas em 1879 já integrava o corpo de redatores da *Gazeta de Notícias*, sob a direção de Ferreira de Araújo.

Freqüentador assíduo da Biblioteca Nacional, desde 1876 vinha alimentando a esperança de ali se empregar, o que, aliás, lhe fôra prometido pelo seu diretor Barão de Ramiz Galvão. Entretanto só em 9 de agôsto de 1879, após sério concurso, é que logrou ser nomeado oficial da Biblioteca. (5)

Em julho de 1883, após concurso que marcou época, conquistou a cátedra de Corografia e História do Brasil do Imperial Colégio Pedro II, o principal e definitivo cargo que ocupou em sua vida, embora pôsto em disponibilidade em 1899.

Nem em qualquer dos seus biógrafos ou na sua alentada correspondência há a mínima referência a qualquer outra atividade remunerada, exceto algumas aulas particulares, que tenha Capistrano de Abreu exercido no Rio nos cinqüenta e dois anos em que ali viveu, isto é, de 1875 a 1927, quando morreu.

Ignorava-se, por igual, que se tivesse empenhado na obtenção de qualquer outro emprêgo público na Côrte, quer submetendo-se a concurso, quer disputando-o brasileiramente à base do prestígio próprio ou dos amigos.

Nas exaustivas pesquisas que realizei no Ceará e Rio de Janeiro, em arquivos oficiais e particulares, quando da elaboração de nossa biografia de Capistrano, publicada no Rio em 1969, nada encontrei sôbre êste aspecto da vida do grande historiador além do que nela figura e que, resumidamente, vai registrado aqui.

Capistrano era um homem que, com base numa modéstia sinceríssima, detestava falar de si próprio. Só muito raramente, em carta a algum amigo mais íntimo, deixava extravasar uma referên-

(5) — Carta de Capistrano a J. Lúcio de Azevedo, de 25-IX-1917 — *Correspondência de Capistrano de Abreu* — Instituto Nacional do Livro, Vol. 2. Pág. 70.

cia rápida e superficial sôbre fatos de sua vida pretérita. Com relação aos quinze meses que passou no Seminário da Prainha, por exemplo, nunca escreveu uma frase ou deixou escrita uma alusão.

Assim sendo, é possível que fatos importantes e significativos de sua existência sejam até hoje desconhecidos e como tal permaneçam para sempre.

Uma dessas ocorrências é um concurso que realizou no Rio, cêrca de um ano após ali haver chegado, e que constituía fato até agora absolutamente ignorado.

Sôbre isso nada se conhecia, nem se encontra qualquer referência em suas cartas ou através da palavra dos que sôbre êle escreveram.

É fato nôvo a ser acrescido à história daquela figura singularíssima de homem e de intelectual, sempre a desafiar a paciência e a argúcia dos biógrafos.

O que se veio a saber agora sôbre aquêle concurso, deve-se a uma descoberta feita em periódico fortalezense do século passado por um devotado pesquisador da genealogia cearense, o médico Vinicius de Barros Leal, da qual gentilmente me deu conhecimento.

Trata-se de uma carta sem assinatura, dirigida a um dos redatores do jornal *Constituição,* em que se transcreve outra carta, também de autor não indicado, noticiando que Capistrano de Abreu realizara no Rio, em 1876, um concurso para o Arsenal de Marinha e através do qual, embora aprovado, não logrou a desejada nomeação.

A notícia é dada pelo jornal com pequeno destaque, o que é compreensível quando se considera que Capistrano era, então, pouco mais que um ilustre desconhecido.

É do teor seguinte o informe da *Constituição*:

JOÃO CAPISTRANO —

Peço-lhe, Sr. Redator, digne-se de publicar a seguinte carta que acabo de receber da Côrte a respeito dêsse nosso talentoso patrício:

Amigo — Aproveito a ocasião para comunicar-lhe que o nosso patrício João Capistrano de Abreu apresentou-se a concurso para uma vaga que se deu no Arsenal de Marinha, e foi aprovado; mas aparecendo 9 competidores, foi outro o escolhido.

Contudo, êle lucrou muito, não só por ter feito brilhantes exames em Francês e Inglês, como também por ter ficado cada vez mais conhecido como môço de talento e habilitações.

O Dr. Aquino (6), diretor de um dos melhores colégios da Côrte, procurou-o mediante 150$000 mensais para lecionar Francês, Inglês e Português, dando-lhe casa, comida e roupa lavada e engomada.

(6) — Professor João Pedro de Aquino, fundador e diretor do Colégio Aquino.

Além dessas vantagens tira mais o Capistrano a de estar aprendendo matemática com o Dr. Aquino, que é profundo na matéria etc., etc. — Côrte, 31 de julho de 1876." (7).

Além da notícia sôbre um concurso que por mais de noventa anos permaneceu esquecido nas páginas de um jornal provinciano, e sôbre a qual nunca puseram os olhos os que de Capistrano se ocuparam, a descoberta insinua algumas conclusões acêrca daquela fase da vida do grande cearense.

O documento permite concluir, por exemplo, que foi através daquele concurso que veio a conhecê-lo o proprietário e diretor do Colégio Aquino, o qual naquele estabelecimento de ensino lhe deu emprêgo e moradia.

A função de professor que ali conseguiu, seria, aliás, de decisiva importância para sua permanência no sul do país, pois até a nomeação para a Biblioteca Nacional, em 1879, foram o salário e hospedagem daquele colégio que lhe asseguraram ali a manutenção.

Não será inoportuno recordar que, ao que tudo indica, foi Capistrano quem conseguiu naquele educandário um lugar de professor para Raimundo Antônio da Rocha Lima, o menino de ouro da *Academia Francesa* do Ceará, que em 21 de janeiro de 1877 embarcou para o Rio "a tomar conta de uma cadeira no Colégio Aquino", conforme escrevia João Lopes, naquela data, ao senador Tomás Pompeu. (8)

A grande amizade e admiração que Capistrano nutria por Rocha Lima e a posição que já desfrutava no colégio, constituem uma justificativa para esta suposição.

Outra novidade que se extrai daquele informe é o estudo da matemática levado a efeito por Capistrano com o professor João Pedro de Aquino, fato também desconhecido na história de quem nunca a êsse fato fêz qualquer alusão.

Em sua volumosa correspondência deu conta de estudos, no Rio, de alemão e grego onde teve como colegas, naqueles, de Machado de Assis e Raul Pompéia, além de outros, e nestes de Rui Barbosa (9).

De matemática nunca falou.

De qualquer modo, a carta publicada na *Constituição* amplia as informações sôbre os primeiros anos de Capistrano de Abreu no Rio de Janeiro, onde ficou até morrer, e que deverão ser devidamente consideradas para novos e futuros estudos sôbre a vida e a obra daquela figura ímpar da historiografia brasileira.

---

(7) — *Constituição*, edição de 13-VIII-1876.

(8) — Ver cartas de João Lopes Ferreira Filho ao senador Tomás Pompeu em *Correspondência do Senador Pompeu*, organizada e anotada por José Aurélio Saraiva Câmara, Tip. Minerva, Fortaleza, 1960.

(9) — Ver José Aurélio Saraiva Câmara — *Capistrano de Abreu* — Pág. 143.